

Cânone e memória dos espaços na narrativa nipo-brasileira
“Sob dois horizontes”, de Mitsuko Kawai

Francisca Laila Ribeiro Pinto¹
Joy Nascimento Afonso²

Introdução

Esta pesquisa é um recorte de nossa pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sobre escritoras nipo-brasileiras e a relação entre a memória, o espaço e o cânone brasileiro. Um dos romances analisados na tese é *Sob dois horizontes*, da escritora Mitsuko Kawai (1988), em que se pretende mostrar como o espaço possibilita, por meio da subjetividade da protagonista Mitsuko, contar a narrativa da imigração japonesa para o Brasil a partir de sua família, ao mesmo tempo que reescreve a história das mulheres japonesas, descendentes de okinawanas e seus espaços. O deslocamento da personagem, no contexto do romance, sugere as inter-relações que se une em torno da memória a partir das histórias em comum.

Dito isso, quando a narradora Mitsuko do romance autobiográfico de Mitsuko Kawai descreve no início da história que “[...] meu sonho de tornar-me escritora é tão difícil quanto escalar aquela montanha [...]” (1988, p. 09), fazendo referência a montanha Akagui, na cidade de Kiryu, província de Gunma, no Japão, somos apresentados aos dois universos afetivos da protagonista: o espaço, lugar de possíveis lembranças, e os seus sentimentos, experiência individual de vivenciar o momento do relato. Mitsuko conta o sonho de infância já com a percepção da viagem ao outro lado do mundo, o Brasil, e daí temos notícia da memória por meio da interação com os lugares.

No entanto, antes de narrar a imigração japonesa para as terras brasileiras, o espaço ficcional tecido no romance de Kawai conta as lembranças dos inúmeros aspectos da montanha Akagui, das estações do ano tão características no Japão, da questão cultural das gueixas, da vivência familiar nos lugares da cidade Kiryu, do aprendizado na escola tão importante para realização do seu grande sonho de ser escritora, até o momento da partida para o Brasil. Nas obras das escritoras nipo-brasileiras, “[...] o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem [...]”, como lembra Dalcastagnè (2012, p.109). E as personagens imigrantes apresentam as dificuldades de adaptação em seus movimentos históricos e culturais, proveniente dos processos geopolíticos. Portanto, refletir sobre a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFPB lailsaribeiro@gmail.com

² Professora Doutora da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Assis, no Curso de Letras – Japonês joy.afonso@unesp.br

categoria do espaço é seguir o itinerário de suas múltiplas interpretações e perspectivas, significa interferir na história dos sujeitos a partir do local.

Para a proposta da pesquisa, a teorização de Doreen Massey (2015) sobre a abordagem alternativa do espaço, em especial, do reconhecimento de três preposições: primeiro, como produto de inter-relações, segundo, como esfera da multiplicidade, da heterogeneidade, e terceiro, como em construção, aberto. Assim, imaginar o espaço como trajetórias possíveis contribui para torná-lo mais democrático na construção do ser feminino, da mulher nipo-brasileira vista como escritora, do protagonismo da mulher japonesa nas narrativas brasileiras. Nesse sentido, a compreensão de Massey sobre a possibilidade de novas políticas do espaço, se afina com Aleida Assmann (2011) ao falar da “memória dos locais”, da recordação deixada no chão do lugar, este enquanto sujeito; da memória guardada nos interiores dos locais ativada pelas impressões das personagens por ter vivido o que aconteceu lá. Esses estudos dialogam com as narrativas contemporâneas, pois enfatizam a configuração do espaço no contexto das inter-relações múltiplas, e a sugestão de reelaboração de uma memória através da experiência de escritoras diaspóricas, o que movimenta a crítica ao cânone literário brasileiro.

Nosso interesse é analisar a relevância da categoria do espaço em sua relação com a memória, o que reside na subjetividade da protagonista Mitsuko. Esse espaço geopoético, pode ser compreendido em meio as lembranças da imigração japonesa para o Brasil, no encontro da vida comum. Quando a narrativa brasileira contemporânea incorpora o trânsito dos imigrantes, ela o faz também com a perspectiva das mulheres japonesas e seus descendentes nos lugares. A pequena Mitsuko que se despede do Japão para tentar a vida no Brasil fundamenta uma proposta estética de escritoras nipo-brasileiras, que se liga aos estudos da crítica literária feminista e o questionamento das histórias da literárias brasileira. Nesse sentido, por que não conhecemos a produção literária das escritoras nipo-brasileiras? quais reflexões críticas são trazidas em suas obras a partir da análise do romance *Sob dois horizontes*, de Mitsuko Kawai, sobre as categorias de espaço e de memória?

Por um cânone com escritoras nipo-brasileiras

A relação da protagonista Mitsuko com a memória dos espaços na narrativa *Sob dois horizontes*, de Mitsuko Kawai, será analisada por meio de alguns trechos do romance que problematizam essa discussão. Interessa observar como a memória é construída a partir da lembrança pessoal que se ativa na aura própria do lugar. Importa também como o espaço se

constitui uma experiência em aberto, provocando a descoberta de um tempo circulante, pronto a revelação dos segredos da personagem, à medida que lemos seus passos no romance.

Para tanto, a narrativa autobiografia de Mitsuko Kawai apresenta estratégias diferentes para mostrar o trânsito da mulher japonesa, de não olhar apenas para dentro de si, mas para o mundo, o testemunho da imigração por uma persona feminina. Afinal, quando se trata dos enredos com a trama em espaços públicos, a falta das mulheres é desconfortante, mais ainda seu silêncio e sua invisibilidade no contexto sociocultural. Essa ruptura da personagem Mitsuko possibilita situar resquícios da sua memória sem esquecer de onde veio, além de pensar em uma abordagem crítica literária na perspectiva de gênero, o que corrobora com os debates sobre a revisão do cânone da literatura brasileira.

Pensando nisso, por que Mitsuko Kawai, Eico Suzuki, Laura Honda-Hasegawa, Marília Kubota, Kazuko Akamine, e tantas outras escritoras nipo-brasileiras, não entraram no cânone brasileiro? Por que esses nomes são desconhecidos da nossa historiografia? Por que quando se trata da representação da cultura japonesa na literatura nacional, lembramos dos textos literários de Mário de Andrade, Bernardo de Carvalho, João Paulo Cuenca, Oscar Nakasato, Adriana Lisboa? Qual a justificativa para não lermos as escritoras nipo-brasileiras, já que elas escreveram e publicaram até mesmo antes dos/da escritores/a mencionados/a, como o caso de Eico Suzuki que iniciou sua obra em 1970.

Quando estudamos as histórias da literatura brasileira, observamos que desconhecemos, quase que completamente, as escritoras nipo-brasileiras. A real inquietação que se apercebe é: a crítica literária não considera escritoras as mulheres nipo-brasileiras? Uma questão que assombra a própria crítica feminista na era de reescrita do cânone, desde as autoras no período entresséculo – a mulher intelectual romancista, cronista, teatróloga, ensaísta, crítica teórica – até a contemporaneidade. E para lermos, precisamos dos textos literários, onde comprar?

O cenário descrito nas narrativas da escritoras nipo-brasileiras permite uma releitura de experiências silenciadas, a partilha por elas passa pela construção de um novo lar escrito em outro lugar. Dentro de um contexto globalizado, a literatura brasileira contemporânea reflete as contingências sociais e culturais, e tudo indica que “[...] as personagens dessas narrativas se deslocam por um chão literário em tudo semelhante ao da realidade brasileira [...]”, como afirma Regina Dalcastagnè (2012, p. 163). Incluindo ou não o efeito da realidade, as obras dessas mulheres geram o questionamento de que reconhecer o espaço provoca a falta da figuração de japoneses e seus descendentes na nossa literatura.

Eurídice Figueiredo chama a atenção, no ensaio “História literária, cânone e crítica feminista” (p. 85, 2020), para a problematização de que o cânone ocidental se constitui “[...]”

de obras de homens brancos, europeus e norte-americanos. São os monumentos da cultura que foram fixados e consagrados por uma comissão divina e a-histórica [...]”. Figueiredo considera a possibilidade, proposta por Roberto Reis, de que os clássicos contêm verdades incontestáveis, justificando que os símbolos da cultura foram/são em um determinado tempo consagrados como universais. E também nos faz refletir quais os critérios de seleção e/ou exclusão das mulheres e não brancos na formação do cânone ocidental. Ademais, as narrativas das escritoras nipo-brasileiras são objetos estéticos que dialogam com as trocas culturais, e que, enquanto elemento simbólico, apontam para a construção da estrutura da sociedade brasileira.

Outro obstáculo soma-se ao “campo minado”, cunhado por Annette Kolodny (2017), em relação a desvalorização das obras escritas por mulheres. Desde a circulação da produção feminina no século XIX, a exclusão se faz presente, com os diferentes discursos de quem escreve ou não literatura. Até hoje, a maioria das obras publicadas pelas grandes editoras constam os escritores, ao passo que a representação social da mulher advém pela escrita deles ou de outros. Logo, a constituição do cânone brasileiro reflete as relações de poder da sociedade patriarcal em que vivemos, com seus símbolos universais.

Apesar de certo desconhecimento, a obra da escritora Mitsuko Kawai reflete a ausência histórica da fabulação das mulheres imigrantes, da memória narrada em romances, contos, poemas, ensaios, biografias, teatro, literatura infantil, autoficções, antologias. Quando se trata de Kawai, podemos comparar a produção tão diversa quanto a de autores consagrados da literatura brasileira. Em suas traduções e crônicas, trata dos assuntos do Brasil e do Japão: folclore, educação, costumes, tradições, música, economia. Desde o início de seus escritos apresentou o trânsito de viver entre dois mundos, sem esconder as dificuldades dos imigrantes japoneses, mas também sem esquecer das oportunidades nas terras brasileiras. Embora pouco reconhecida pela crítica literária, observamos como esta e o público leitor não foram receptivos com sua produção literária, pois praticamente inexistem estudos sobre sua obra.

Em contrapartida ao que se pode esperar da tradição, pesquisadoras como Rita Terezinha Schmidt (2017), Eurídice Figueiredo (2019), Anna Faedrich (2022) escreveram ensaios críticos a respeito da exclusão das mulheres do protótipo de cânone da literatura brasileira, e constatarem argumentos contestáveis, como: o não nascimento das escritoras no país, o lugar de criação da história não ser genuinamente situada no Brasil, já que se buscava uma ideia de identidade nacional, além da questão de valor estético, em que as obras de autoria feminina não eram avaliadas de forma crítica. Ou seja, a crítica, desde a oitocentista, elaborou um discurso sobre originalidade em relação a literatura brasileira, construindo o

discurso de que as mulheres não escrevem sobre o ideário nacionalista, o que acabou moldando as nossas histórias.

Mesmo diante das mudanças no campo literário, pouco estudamos as escritoras nipo-brasileiras e reconhecemos os aspectos estéticos de suas obras – falta análise literária. Se considerações as produções de Eico Suzuki e Mitsuko Kawai como crivo de consagração para pertencer a Academia Brasileira de Letras, ambas teriam tido uma cadeira em vida, já que produziram gêneros diversos como romances, escritos sobre teatro, literatura infantil, ensaios críticos e participações em jornais. Mas quando veremos o nome de uma escritora nipo-brasileira na ABL?

O preconceito em relação a capacidade de escrita delas, a descendência japonesa e/ou okinawana, o espaço entrelaçado com o oriente constituem entraves da conservação romântica da construção da nossa literatura. O que não justifica em termos literários, pois essas escritoras participaram da produção do projeto de literatura brasileira entre os séculos e, infelizmente, suas obras não foram divulgadas e estudadas. São produções, na maioria das vezes, de edições únicas, recolhidas nas prateleiras pessoais dos familiares, em bibliotecas raras dos espaços dos imigrantes no Brasil, sem o devido reconhecimento literário pela historiografia.

Desde a virada do século XX para o XXI, temos um crescimento significativo dessa produção, inclusive em editoras renomadas pelo grande público, como é o caso das escritoras Laura Honda-Hasegawa (Editora Estação Liberdade), Lúcia Hiratsuka (Editora Companhia das Letras), Marília Kubota (Editora Patuá), Rafaela Tavares Kawasaki (Editora Patuá e Editora Urutau), Marina Yukawa (Editora Viseu), Janaina Tokitaka (Editora Companhia das Letrinhas) entre outras. Nesses textos literários, observamos no espaço ficcional as diversas formas de desterritorialização das personagens nipo-brasileiras, pois os silêncios e as dores são expostos no novo lugar. Apesar dessa propagação, a presença dessas escritoras ainda é limitada em espaços culturais japoneses. Ana Faedrich (2022, p. 37) destaca que as pesquisas, os eventos, as novas editoras buscam resgatar as escritoras deixadas de fora do discurso historiográfico, e questiona: “[...] por que as biografias dessas escritoras não foram documentadas e por que suas obras não integram o cânone literário se, ao analisarmos seu conteúdo e valor literário, não ficam aquém das obras produzidas por escritores homens?”.

Investigar como a problemática do espaço se constrói a partir das lembranças descritas por Mitsuko, sucinta trazer reflexões sobre o cânone brasileiro, o que se revela compreender a ausência de análises em relação aos textos literários das escritoras nipo-brasileiras. Desse modo, a pesquisa pretende analisar como a narrativa de Mitsuko Kawai pode contribuir para

essa teoria de espaço jamais acabado, de “estórias-até-então”, como salienta Massey (2015). Além disso, questionar o cânone, o ensino de literatura é um passo necessário para reivindicar a posição dessas mulheres na cena pública do Brasil.

A lembrança dos espaços de Mitsuko

O romance *Sob dois horizontes*, de Mitsuko Kawai, retrata a imigração da família japonesa de Mitsuko para o Brasil, no interior da cidade de Santos, do estado de São Paulo. Nas primeiras páginas do romance, que se passa ainda no Japão, acompanhamos o sonho de ser escritora da protagonista na primeira infância, as dificuldades de mudança e adaptação da trajetória nas terras brasileiras até o desfecho final de sua vida. Desde o início da narração observamos a busca de um outro lar semelhante a casa afetiva, bem como uma sensação de ausência de pertencimento, elemento problematizador da subjetividade em trânsito.

Numa memória em deslocamento, a voz narrativa em terceira pessoa convoca a primeira pessoa para descrever sobre a necessidade de se desprender do seu espaço de afeto, por causa do contingente populacional japonês, seguindo de uma constante busca de recontar sua história: a partida do Japão, a chegada ao Brasil, a morada na casa de barro, o trabalho na roça, o casamento com Minoru Kawai, o nascimento dos seus cinco filhos. No sistema em que vivia, “[...] o casamento significava um braço a mais na família [...] o valor da moça era medido pelo peso que ela carregava e a extensão de terreno que capinava num dia [...]”, além dos trabalhos domésticos e o cuidado com as crianças. Todavia, o casamento foi consumado, mesmo com certa oposição da mãe de Minoru: “[...] – Para que você quer se casar com uma baixinha? Ela não serviria nem para puxar a enxada”. E na intimidade da narrativa: “para ser mulher de lavrador, eu fora definitivamente reprovada [...]” (KAWAI, 1988, p. 80). O casamento simples, sem igreja, sem lua de mel, mas com uma promessa de compra de aliança quando tivesse dinheiro, não realizada depois de cinquenta anos de vida conjugal, o que importava era ter saúde para os serviços.

Na narrativa, a história se forma a partir das lembranças na nova morada, seguido da preocupação de registrar o momento. A casa da roça ativa a memória de Mitsuko, o que anuncia a reconstrução da sua história e a dos imigrantes japoneses que idealizaram o retorno ao lar afetivo. É por meio do compartilhar da casa, da terra, da pátria que as identidades e as inter-relações são construídas, em uma constante negociação interna entre seus viajantes. Além disso, como argumenta Massey (2015, p. 31), “[...] identidades especificamente espaciais (lugares, nações) podem, igualmente, ser reconceitualizadas em termos relacionais

[...]”. Essa questão de um lar possível mostra como o deslocamento da personagem favorece a construção de relações, a negociação de um espaço mais dinâmico e heterogêneo.

Da união do casal, nasce a primeira filha, Rutu. Apesar do pai parecer esperar por um menino, a criança nasceu forte e saudável. “[...] Talvez muita gente ache absurdo, e pode não acreditar, mas fiquei na cama só um dia [...]” (KAWAI, 1988, p. 86). Depois do parto, no dia seguinte, Mitsuko já estava na luta diária, com todos os trabalhos domésticos e a construção da maternidade. Além da personagem situar sua identidade a partir da relação com a casa da roça, das tarefas do lar, a sugestão de habitar está intimamente ligado ao processo de recordar, elaborar a memória da experiência vivida vinculada a “memória dos locais”, segundo Assman (2006, p. 317). Ao mesmo tempo, o lar de Mitsuko se torna um local de descoberta de si quanto de trânsito, de partilha com o marido, a filha, os imigrantes japoneses, os patrões e amigos brasileiros, como também uma experiência emocional configurada por inter-relações, de acordo com Doreen Massey (2015). A ideia de um lar em fronteira com a bagagem das memórias favorece a revisão do cânone, pois ao conviver com as pessoas, as escritoras podem ficcionalizar o que observa do real em um romance.

Mais do que nunca, a trama romanesca com as experiências das mulheres convoca análises dos elementos estéticos para as reflexões das histórias da literatura. Mitsuko descreve que a vida sempre reservava alguma surpresa no dia seguinte na roça. Quando tudo começava a melhorar, o marido adoece, pois “[...] tinha o estômago caído e precisava ser operado [...]” (KAWAI, 1988, p. 88). Pobres, contra a vontade de Mitsuko, o marido, a filha Rutu vão viver na Vila Guararapes junto com a mãe e os irmãos Kawai. No entanto, naquele momento não se tratava de uma operação simples, Minoru resolveu curar-se com um aparelho japonês que regulava a respiração. Diminuída a dor, este resolve trabalhar com o irmão como caminhoneiro. “[...] Às vezes, vem à tona a lembrança daquele tempo com certa melancolia. Eu não me importava de trabalhar [...]”. No entanto, a protagonista descreve o sofrimento dos seis meses vivenciados sozinha com sua filha no depósito de algodão. “[...] Fazia comida para doze a quinze pessoas, lavava e passava as roupas, levava as marmitas para a roça, carregando minha filha nas costas, ajudava a apanhar algodão, e à tarde puxava 16 latas de 20 litros de água para encher a banheira para o banho de toda a família [...]” (KAWAI, 1988, p. 89). O apelo visual causado pelas lembranças do ontem existe como fator pulsante para localizar os deslocamentos geopolíticos do ponto de vista da mulher – a cidade de Guararapes, interior de São Paulo, ainda que desconfortável e instável, cria sentidos promissores.

Afinal, não existe um roteiro pela cidade, a reconfiguração da subjetividade da protagonista ocorre em paralelo com os pés na chegada de quem se é, da busca de sua história,

esta sedimentada na lembrança geopoética que une os dois lugares: Brasil e Japão. Do pequeno descanso que viveu em São Paulo, quando o marido se lembrou de buscar a família na Vila Guararapes, estoura a Segunda Guerra Mundial, e o decreto de que os estrangeiros não podiam viajar. Assim, retornam outra vez para o interior na tentativa de recomeçar a vida na roça, só que dessa vez esperando o segundo filho, sem descanso.

As camadas da memória de Mitsuko se constroem como uma nostalgia do retorno, e sustenta a hipótese de um tempo não linear, em que o ontem e o agora se imbricam na ficção e na realidade. A cidade-memória como a de Kiryu e as do interior do estado de São Paulo apresentadas no romance, evoca a revisão das histórias da literatura brasileira por imprimir as marcas recentes dos imigrantes japoneses nas fazendas de café a partir das lembranças e dos esquecimentos da protagonista. Como diria Massey (2015, p. 29), a interpretação do tempo e do espaço é um produto de relações-entre, estão sempre por fazer-se, de “estórias-até-então”. O que é também pré-requisito para a percepção da memória, já que Mitsuko se desloca do presente para o passado em busca de sua história.

Além desse aspecto, a apreensão da “memória dos locais” pode ser compreendida, de acordo com Assmann (2011, p. 317-18), na possibilidade de os locais tornar-se sujeitos, portadores de recordação, em uma ligação íntima entre tempo e espaço. O gesto da própria escritora em contar e fabular a passagem dos seus locais de recordação, ressalta o contexto da construção política da memória, ou seja, captar o cenário histórico na aventura da experiência vivida, e não por quem ouvimos falar. A temática da memória se insere no romance na sugestão de legitimar a subjetividade da recordação dos nipo-brasileiros, na tentativa de rever o passado. Assim, embora haja os dois locais: “A PROVÍNCIA DE GUNMA”, no Japão, e “A FAZENDA ALIANÇA”, no Brasil, amplia-se a memória de Mitsuko na direção da memória dos nipo-brasileiros, e se integram a partir da memória dos dois locais, temos um outro espaço, muitas vezes de acolhimento das dores e sonhos dessas mulheres.

A ênfase no lar em movimento provoca uma certa melancolia na protagonista ao lembrar da morada na Vila Guararapes. Não se trata apenas de uma reminiscência do passado, de fato a vida no depósito de algodão com a filha Ruty causou um sofrimento inenarrável, do qual só restou a impaciência e o lembrete ao marido que tinha uma família. Diante desse episódio, como tantos outros sobre as dificuldades de moradia, alimentação, cuidado com os filhos, o lar não reside no depósito de algodão, mas no lar nostalgia do lugar. Mitsuko descreve no romance, como os locais por onde passou, uma relação de recordação do vivido, com suas dores e seus sabores. O local, aparentemente, de retorno passa a ser de trânsito.

Nesse sentido, o romance chama atenção, entre outras questões, para as possibilidades do trânsito e da movência de mulheres, como Mitsuko, pelos espaços, tanto no sentido do lar seguro – o viver na roça com sua família na Fazenda Aliança, quanto na mudança dos lares – a cada de afeto, a casa no Japão/a casa insegura, na Vila Guararapes, no Brasil. Ambos os movimentos são transgressões, pois significa relacionar a protagonista aos espaços privados e públicos, uma vez que aceitar a mulher fora de casa, com o trabalho e o cuidado com os filhos é algo recente na sociedade e na literatura brasileira. Por isso, a memória dos espaços em *Sob dois horizontes* resulta de identidades, histórias, lugares e personagens em constante negociação, em um espaço ocupado por mulheres numa dimensão dinâmica em consonância com as outras narrativas que figuram a memória.

Conclusões possíveis

Como pontua a escritora Mitsuko Kawai em um depoimento autobiográfico sobre o convite de ser jornalista: “[...] – Como você conseguiu ser jornalista com a idade em que muita gente se aposenta? Pode ser que tenha sido o resultado de muita força de vontade e perseverança. Pode ser que tenha sido sorte, circunstâncias que me favoreceram, ou destino [...]” (SUZUKI; FERREIRA; KAWAI, 1993, p. 72). Nos lembrando que as mulheres precisam de uma profissão para não ficarem confinadas no lar, para poder escolher ser jornalista, escritora, mãe, tradutora, intelectual. Na narrativa, o contraste de Mitsuko entre ser a esposa e dedicada mãe e a jornalista e respeitada escritora reforça as reflexões de gênero: escreva mesmo diante de condições contestáveis, assim poderá viver seus sonhos e desejos.

Portanto, para reescrever as histórias da literatura brasileira é preciso conceber a mulher escritora, a mulher personagem, a mulher nos espaços públicos e privados. Nos trechos analisados, a revisão do cânone se liga a íntima fabulação da história da família japonesa de Mitsuko, do elaborar a memória a partir das lembranças pelos espaços. E tudo isso com o protagonismo feminino, narrado ainda com certo cuidado, com palavras breves e um contexto que aproxima da cena da imigração japonesa para as terras brasileiras em tom celebrativo.

Já a preocupação com a memória corrobora com o tempo contemporâneo, de voltar ao passado para preencher as lacunas do retorno. Em relação as mulheres, Mitsuko recorre as lembranças para reelaborar sua história com suas próprias palavras, sem o contar de alguém, mas o eu que estava lá. Além disso, o tema da memória contextualiza o silêncio das narrativas das escritoras nipo-brasileiras, possibilitando registrar sua participação na história. Nesse sentido, o romance sugere documentar e integrar ao cânone literário tanto por seu conteúdo quanto por seu valor literário, como pontua Ana Faedrich, indagando a falta dos historiadores.

Por isso, pode-se dizer que há a tentativa de Mitsuko Kawai em *Sob dois horizontes* de assumir uma memória coletiva para visibilizar as histórias silenciadas dela, dos imigrantes japoneses, e das mulheres nipo-brasileiras, com efeito na recriação do cânone literário. Em outras palavras, a lembrança elaborada por Mitsuko, detalhada na caminhada cotidiana, permeia a reinterpretação dos aspectos históricos, das identidades e subjetividades contemporâneas e a reformulação da história das mulheres, seus papéis e seus espaços na estética das obras das escritoras nipo-brasileiras.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FAEDRICH, Anna. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

Figueiredo, Eurídice. História literária, cânone e crítica feminista. In: Figueiredo, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

KAWAI, Mitsuko. *Sob dois horizontes*. São Paulo: Editora do Escritor, 1988.

KOLODNY, Annete. Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Accioli. *Traduções da cultura: perspectivas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SUZUKI, Eico; FERREIRA, Lia Campos; KAWAI, Mitsuko. *De quatro ventos*. São Paulo: Editora do Escritor, 1993.